

***Watchdog* ou disseminador: uma análise da *Folha de S. Paulo* na cobertura sobre o presidente Jair Bolsonaro e a pandemia de Covid-19 no Brasil**

***Watchdog or disseminator: analysis of *Folha de S. Paulo* news coverage about the President Jair Bolsonaro and the Covid-19 pandemic***

Amanda MENEZES<sup>1</sup>

**Resumo**

Entre os papéis desempenhados pelos jornalistas está o de disseminador e o de *watchdog* ou cão de guarda. No primeiro caso, o jornalista reporta fatos tendo como objetivo a neutralidade e a imparcialidade (ainda que de maneira idealizada), enquanto no segundo assume um papel mais ativo de análise e crítica de lideranças, sejam elas econômicas ou políticas (HANITZSCH e VOS, 2016). Neste trabalho, foi feita análise de conteúdo de 153 capas do jornal *Folha de S. Paulo* de março a julho de 2020 para entender como foi a cobertura dos atos do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia e investigar se o jornal assumiu uma postura mais disseminadora ou *watchdog*. A pesquisa mostra que, embora o papel de disseminador tenha aparecido, isso ocorreu em uma frequência menor que as publicações de reportagens e chamadas de capa críticas e vigilantes.

**Palavras-chave:** *Folha de S. Paulo*. Bolsonaro. *Watchdog*.

**Abstract**

Two of the journalistic roles are disseminator and *watchdog*. In the first case, journalists report facts with the objective of neutrality and impartiality, albeit in an idealized way. In the second case, they undertake a more active role in analyzing and criticizing political or economic leaders (HANITZSCH and VOS, 2016). In this paper, 153 front pages of the Brazilian journal *Folha de S. Paulo* were analyzed, from March to July 2020, to understand how was the coverage of President Jair Bolsonaro's actions in relation to the pandemic. The study shows that, although there were cases of the disseminator role, it occurred less frequently than critical and vigilant reports.

**Keywords:** *Folha de S. Paulo*. Bolsonaro. *Watchdog*.

**Introdução**

A pandemia de Covid-19, que já tinha abalado a China, a Europa e os Estados Unidos, chegou ao Brasil oficialmente em fevereiro de 2020, quando o primeiro caso da

---

<sup>1</sup> Mestranda em Comunicação e Política na Universidade Federal do Paraná (UFPR).  
E-mail: amandagmenezes@gmail.com

doença foi confirmado no país. O enfrentamento da pandemia impôs sérios desafios na área da saúde para as autoridades públicas. Em meio a um momento excepcional no país, o presidente da República Jair Bolsonaro adotou uma postura negacionista em relação à doença, minimizando os impactos da Covid-19 na saúde da população e criticando medidas restritivas de isolamento. A pandemia rapidamente ganhou atenção em noticiários de todo o país.

Na cobertura diária, os jornalistas podem assumir diversos papéis mais ou menos intervencionistas. Este artigo pretende estudar se a cobertura do jornal de circulação nacional *Folha de S. Paulo* nos cinco primeiros meses da atuação do presidente Bolsonaro em relação à pandemia foi mais disseminadora de informações ou *watchdog* (HANITZSCH e VOS, 2016). Para isso, foram analisadas as manchetes e chamadas de capa do jornal desde o início da propagação da doença no país, entre março e julho, mês em que o número de mortes por Covid-19 chegou ao auge no Brasil para 2020.

O presente trabalho está dividido em cinco seções, além da Introdução. Inicialmente, são abordados os papéis do jornalismo descritos e desempenhados na prática. Em seguida, é abordada a cobertura sobre a pandemia no país e a postura do presidente Jair Bolsonaro diante da crise de saúde. No capítulo seguinte, é explicitada a metodologia usada no trabalho e, em seguida, os resultados. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

### **Papeis do jornalismo: *watchdog* e disseminador**

A complexidade do trabalho jornalístico e as transformações correntes têm levado acadêmicos à discussão dos papéis ideais desempenhados pelos jornalistas e que papéis os profissionais assumem efetivamente no trabalho diário. Hanitzsch e Vos (2016) avaliam que os estudos do tema têm sido focados em países democráticos ocidentais, especialmente do hemisfério Norte. Por isso, eles propõem uma visão mais ampla do trabalho jornalístico, que leve em consideração também a realidade de países orientais, não democráticos e democracias jovens. Os autores dividem o trabalho jornalístico em duas grandes editorias: política e vida cotidiana. Na primeira, eles identificam 18 papéis que fazem parte de seis grupos de necessidades essenciais da vida política: informativo-instrutivo, analítico-deliberativo, crítico-monitor, advogado-radical, desenvolvimentista-educativo e colaborativo-facilitador. O domínio da vida

cotidiana tem pautas ligadas à cidadania e os autores apontam para três grandes áreas: consumo, identidade e emoção, que se dividem em sete papéis, ainda pouco trabalhados pela literatura por estarem em editoriais não relacionadas à política (HANITZSCH e VOS, 2016). Segundo os autores, os papéis jornalísticos são constituídos discursivamente como estruturas de significados que ditam parâmetros do que é desejável dentro de um contexto institucional e são recriados, reinterpretados, apropriados e contestados. Essa construção discursiva legitima certas normas, ideias e práticas, deslegitima outras e contribui com a identidade e o lugar do jornalismo na sociedade.

Pesquisas recentes internacionais têm buscado compreender como esses papéis ocorrem na prática em países com diferentes culturas, histórias e organização social, econômica e política. Márques-Ramírez et al. (2019) fazem um estudo empírico de 33.640 notícias de 64 jornais em 18 países para avaliar a intensidade do escrutínio jornalístico (em graus que variam de um simples questionamento à denúncia e acusação), a voz apresentada (do jornalista ou de outras pessoas, como entidades que fazem a denúncia) e o tipo de notícia publicada. Os autores analisam se ao desempenhar o papel de *watchdog* os jornalistas são mais intervencionistas ou mais “descolados”. O estudo conclui que o papel de *watchdog* intervencionista está mais presente em culturas jornalísticas tradicionalmente partidárias, de opinião ou ainda em países que enfrentam uma crise sociopolítica. Nesses casos, o jornalista ativamente questiona quem está no poder, critica e faz alegações. Por outro lado, em democracias com tradição jornalística voltada à objetividade, há a predominância do papel de *watchdog* descolado, quando o jornalista apresenta investigações levantadas por outras pessoas ou entidades e procura, ainda que de maneira idealizada, refletir a realidade sem intervenções. No caso brasileiro, Márques-Ramírez et al. (2019) apontam que a presença do jornalismo *watchdog* descolado é mais forte do que o intervencionista, com reportagens que trazem denúncias que partem de fontes e não dos próprios jornalistas. Em outro estudo, Mellado et al. (2017) apontam que os papéis mais praticados pelos jornalistas em 19 países são o de disseminador e *watchdog*. No caso brasileiro, o jornalismo é menos intervencionista e mais disseminador e menos leal-facilitador e mais *watchdog*. Ou seja, os dois papéis, tanto de disseminador quanto de *watchdog*, aparecem com importância no caso brasileiro.

Resultados semelhantes foram constatados pelo Worlds Of Journalism Study<sup>2</sup>. De acordo com a pesquisa, os três papéis mais importantes para os jornalistas brasileiros são: reportar os fatos como são (89,4% disseram que isso é importante ou muito importante), promover a tolerância cultural e a diversidade (77,4% afirmaram ser importante ou muito importante) e ser um observador descolado (73,1%). Mais da metade também acredita ser importante ou muito importante monitorar e investigar líderes políticos (52,1%). Por outro lado, os profissionais no país consideram pouco importantes os seguintes papéis: apoiador da política governamental, reforçando a visão do jornalista como monitor e fiscalizador do poder público; adversário do governo e transmissor de uma imagem positiva de lideranças políticas (MOREIRA, 2017).

Para que o papel de *watchdog* possa ser desempenhado, as organizações de mídia precisam de uma dupla independência: política, para que governantes não interfiram nem ditem regras de cobertura jornalística; e econômica, com autonomia para financiar o trabalho jornalístico investigativo, em geral demorado e caro (WHITTEN-WOODRING e JAMES, 2012; CORONEL, 2010; NORRIS, 2014). Whitten-Woodring e James (2012) analisam especificamente o papel jornalístico de *watchdog* em casos de repressão a protestos. Para eles, organizações de mídia suficientemente independentes podem fornecer informações relevantes sobre atos do governo que violam os direitos humanos, exercendo o papel de *watchdog* e, a partir dessas informações, a população pode se calar (com receio de uma possível repressão) ou pressionar por reformas, por meio do voto ou de protestos.

No caso de escândalos de corrupção, o papel de *watchdog* pode influenciar a opinião pública contra governos que cometem irregularidades, gerar hostilidade em relação a autores de infrações e acelerar mudanças em leis e regulamentações (CORONEL, 2010). No Brasil, a corrupção é apontada como um dos principais problemas para o desenvolvimento da democracia no país, não ainda completamente institucionalizada e que conta com uma independência jornalística ameaçada por leis (processos contra jornalistas e dificuldade em licenças de mídia), política (concentração de mercado e influência política que contribuem para práticas clientelistas) e pressões comerciais (WHITTEN-WOODRING e JAMES, 2012).

O papel de *watchdog* também está ligado à ideia liberal do jornalismo como o

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://epub.ub.uni-muenchen.de/32084/1/Country\\_report\\_Brazil.pdf](https://epub.ub.uni-muenchen.de/32084/1/Country_report_Brazil.pdf) Acesso em: 13 de set. de 2020

Quarto Poder, que é ao mesmo tempo um guardião independente da sociedade e um contrapeso dos poderes legislativo, executivo e judiciário (NORRIS, 2014). Segundo Coronel (2010), esse papel tem como característica principal apontar o que está errado em diferentes áreas, com o intuito não somente mostrar malfeitos, mas também expor como uma irregularidade foi cometida, quem sofreu com os atos e quais as suas consequências. A atividade jornalística nessa área pode ser o que Norris (2014) chama de trabalho primário direto, com relatórios e dossiês que mostram casos de corrupção e ilegalidades, ou secundário, mais difuso e fraco, quando são publicadas informações que antes ficavam escondidas da população.

Para melhor compreender os papéis dos jornalistas no Brasil de disseminador de informações e de vigilante das elites políticas (*watchdog*) na cobertura jornalística sobre a pandemia do novo coronavírus, é necessário compreender o contexto do país neste período, como abordado na próxima seção.

### **A pandemia no Brasil: conflitos e as capas da *Folha de S. Paulo***

No dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso do novo coronavírus foi oficialmente confirmado no Brasil. Cinco meses depois, no fim de julho, o país chegou à marca de 2,66 milhões de infectados e 92.568 mortos, ocupando o segundo lugar em número de óbitos pela doença no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos<sup>3</sup>. O sistema de saúde entrou em colapso em várias regiões do país com a falta de leitos de UTI para o atendimento da população e vítimas foram enterradas às pressas em valas comuns, para tentar evitar uma propagação ainda mais rápida da Covid-19<sup>4</sup>.

Diante da evolução da pandemia, o presidente Jair Bolsonaro assumiu reiteradamente uma postura negacionista, sob o argumento de que era necessário cuidar da economia do país e não apenas da saúde<sup>5</sup>. Esse é um falso dilema que tomou conta

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> Acesso em: 13 ago. 2020

<sup>4</sup> Sobre o colapso no sistema de saúde nos estados do Rio de Janeiro, Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco e Maranhão, ver: <https://oglobo.globo.com/sociedade/seis-estados-ja-tem-colapso-na-rede-privada-de-utis-dizconfederacao-nacional-de-saude-1-24414954>. Acesso em: 17 out 2020. Sobre enterros coletivos, ver: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>. Acesso em: 18 out 2020

de discursos sobre a pandemia, segundo o qual governantes deveriam optar por defender medidas de preservação da saúde da população, como o isolamento social, ou por proteção do mercado e da economia do país (SCHRAMM et al., 2020; CAPONI, 2020). Para Schramm et al., o papel de autoridades políticas durante a pandemia deveria ser de adoção de políticas públicas para a preservação de vidas e manutenção de serviços sanitários para garantir a proteção da população, especialmente os mais vulneráveis. Segundo Caponi (2020), a crise sanitária que se instalou com a pandemia tem relação com: questões epistemológicas anteriores de negacionismo da ciência; questões éticas e políticas dos direitos humanos, muitas vezes ignorados; e estratégias políticas e de saúde pública vinculadas à razão neoliberal, que nem sempre garantem proteção e bem-estar à população.

Durante a pandemia, Bolsonaro entrou em atrito com prefeitos e governadores que impuseram medidas mais rígidas de isolamento e trocou duas vezes de ministro da Saúde por divergências com os líderes da pasta<sup>6</sup>. Além disso, fez aparições públicas sem máscara de proteção, não cumpriu o distanciamento social e defendeu o uso de medicamentos sem comprovação científica. Em julho, o próprio presidente contraiu a Covid-19 e, ainda assim, manteve o discurso de minimizar a pandemia. Essa postura influenciou os discursos sobre a Covid-19, segundo Recuero e Soares (2020). Os autores analisaram mais de 57 mil *tweets* em três períodos diferentes em março de 2020 e concluíram que os pronunciamentos de Bolsonaro sobre uma suposta “cura” para a doença aumentaram a circulação de desinformação no Twitter. Os autores também mostraram que usuários se apoiavam nessas declarações do presidente para produzir postagens com conteúdo de desinformação.

A pandemia foi um assunto acompanhado de perto pelos veículos de imprensa, alvos de crítica constante do presidente, que afirmou que a cobertura espalhava o pavor<sup>7</sup>. Antes mesmo de ser eleito presidente, Bolsonaro já fazia críticas reiteradas a

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/05/25/na-pandemia-bolsonaro-privilegia-a-economia.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2020

<sup>6</sup> Sobre conflito com governadores e prefeitos ver: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/09/Como-a-frente-de-prefeitos-entra-em-choque-com-Bolsonaro>. Acesso em: 17 out. 2020.  
Sobre troca de ministros ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52684841>. Acesso em: 17 out. 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 13 ago. 2020

determinados jornais, revistas e emissoras de televisão, como a TV Globo, o jornal O Globo e a Folha de S. Paulo (BALTHAZAR, 2018). Para chegar até seus eleitores, adotou durante a campanha eleitoral (e até mesmo depois dela) canais alternativos de comunicação, como o Twitter, Youtube e Whatsapp, sem precisar passar pela mediação da imprensa (ALBUQUERQUE, 2019). Durante a pandemia, as críticas de Bolsonaro ao trabalho da imprensa continuaram e as tensões aumentaram. Em maio, em meio a uma intensa cobertura do assunto, alguns dos maiores conglomerados de comunicação do país, como o grupo Folha, o grupo Globo e a TV Band decidiram suspender temporariamente a cobertura no Palácio da Alvorada por falta de segurança: jornalistas tinham sido hostilizados por apoiadores do presidente, uma prática que se tornou recorrente<sup>8</sup>.

De acordo com levantamento da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), somente nos seis primeiros meses de 2020, o presidente atacou o jornalismo 245 vezes. Embora as críticas do presidente tenham sido voltadas a grandes veículos de imprensa do país de maneira geral, ataques contundentes foram direcionados diretamente à Folha de S. Paulo. Em 2018, quando ainda era candidato, Bolsonaro chegou a declarar em vídeo para seus apoiadores que a Folha era “a maior produtora de *fake news* do país”<sup>9</sup>. Na polêmica reunião ministerial de abril de 2020, que teve o vídeo divulgado na íntegra, o presidente chegou a usar um palavrão para se referir ao jornal e disse que o integrante da sua equipe que recebesse um elogio da Folha seria demitido<sup>10</sup>. Ou seja, apesar de o presidente demonstrar claramente uma postura contrária a vários veículos de imprensa tradicionais, no caso da Folha de S. Paulo, objeto de estudo deste trabalho, essa crítica é ainda mais contundente.

Segundo Salles e Dall’Orto (2020), durante a pandemia do novo coronavírus, a Folha assumiu um papel de combate à desinformação e, inclusive, adotou uma postura de enfrentamento ao presidente da República, Jair Bolsonaro, que frequentemente minimizou as consequências da Covid-19 no país. A pesquisa mostrou que a doença foi o tema central da capa do jornal em abril de 2020. Naquele mês, 20 das 30 capas do

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/folha-suspende-temporariamente-cobertura-no-alvorada-por-falta-de-seguranca.shtml?origin=folha>. Acesso em: 09 de ago. de 2020

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2020

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/em-reuniao-bolsonaro-chama-folha-de-bosta-e-diz-que-demitira-quem-for-elogiado-pelo-jornal.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2020

jornal tratavam da pandemia como assunto central e, como temas transversais, apareceram política, economia e sociedade, o que mostra a importância que a publicação conferiu à Covid-19 no período.

Estudar a capa de um jornal é especialmente importante para compreender que assuntos foram selecionados para ganhar mais destaque nas publicações ao longo de um período. O processo de seleção de notícias leva em consideração critérios de noticiabilidade, os valores-notícia, como a notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração e escândalo, compartilhados pelos jornalistas desde a seleção até a construção das notícias (TRAQUINA, 2005).

Um dos temas importantes na cobertura jornalística no papel de *watchdog*, a corrupção, tem ocupado um espaço de maior importância na capa dos principais jornais de circulação nacional ao longo dos anos, conforme aponta Antonelli (2017). A autora analisou 4.015 capas dos jornais Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e O Globo desde 1985 até 2014 e concluiu que o assunto ganhou mais relevância com o passar do tempo. Enquanto de 1985 a 1990 a corrupção esteve presente em 39,7% das capas e em 5,5% das manchetes analisadas, esses índices subiram para 64,3% e 25,5% respectivamente no período de 2011 a 2014. Embora a autora reconheça que não se pode concluir que essa é uma tendência desses jornais de circulação nacional, é possível afirmar que as denúncias de corrupção ganharam mais importância e destaque nessas publicações com o passar dos anos.

## Metodologia

Neste trabalho, foi utilizada a análise de conteúdo para estudar as capas do jornal Folha de S. Paulo de março a julho de 2020, nos cinco primeiros meses da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Esse período corresponde ao início da propagação da doença no país (o primeiro caso foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020) até o mês de julho, quando foi registrado o maior número de mortes por Covid-19 em um único mês para 2020: 32.912.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/01/32912-vidas-perdidas-julho-foi-o-mes-com-mais-mortes-por-covid-19-no-brasil-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2020



Segundo Bardin (2016), a primeira fase a análise de conteúdo é uma pré-análise. Nesse processo, foi realizada uma “leitura flutuante” para identificar todas as capas do jornal no período que tinham palavras associadas à doença, como “pandemia”, “coronavírus” e “Covid-19”, e que se referiam ao presidente da República com termos como “Jair Bolsonaro”, “Bolsonaro” e “presidente”. Para isso, foi feita a leitura completa do texto da capa e da reportagem correspondente no corpo do jornal. Foram descartadas todas as chamadas e manchetes de capa que tratavam de outros temas e também as que estavam relacionadas a textos de entrevistas, editoriais e colunas de opinião. O presente trabalho pretende investigar os papéis jornalísticos em textos de notícias e reportagens com destaque na capa para compreender se, em reportagens sobre o combate à pandemia do novo coronavírus e o presidente Jair Bolsonaro, a Folha de S. Paulo assumiu uma postura mais disseminadora ou *watchdog* (Hanitzsch e Vos, 2016), segundo uma análise descritiva (Bardin, 2016). A partir da leitura da capa e da reportagem no interior do jornal, os textos foram categorizados levando em consideração o papel principal desempenhado em cada reportagem, segundo a classificação de Hanitzsch e Vos (2016):

- 1) Disseminador: papel jornalístico de disseminador de informações, baseado na prerrogativa, mesmo que idealizada, de que o profissional pode e deve reportar os fatos como são, de forma neutra e descolada, ou seja, imparcial, em um trabalho que muitas vezes depende de fontes oficiais e presta à sociedade um serviço de registro oficial ou de documentarista (HANITZSCH E VOS, 2016). Nesse papel, o jornalista tem como ponto central a manutenção de uma distância entre o profissional e os fatos (MELLADO et al., 2017).
- 2) *Watchdog*: é o papel de vigilante, cão de guarda e fiscalizador do poder público e econômico. O jornalista é ativo no papel de crítico de líderes políticos ou de mercado, como um fiscal que aponta erros, contradições e incoerências (HANITZSCH E VOS, 2016). Uma das formas de vigilância é retratar escândalos pessoais e sexuais, enriquecimento ilícito e outros tipos de irregularidades, que vão além do que dizem lideranças oficiais e porta-vozes do governo (CORONEL, 2010). O *watchdog* também pode ser entendido como um

monitor de atores e instituições, denunciando irregularidades e apontando responsabilidades (MELLADO et al., 2017).

## Resultados

Para este trabalho, foram analisadas 153 capas do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 1º de março a 31 de julho. Com base na leitura de todas as manchetes e chamadas, foram identificadas 60 reportagens de capa em 54 edições que tratavam ao mesmo tempo do presidente Jair Bolsonaro e da pandemia de Covid-19, sendo 21 delas a manchete principal do jornal e 39 chamadas. Com base na classificação proposta por Hanitzsch e Vos (2016), foi identificado o papel de *watchdog* em 47 manchetes ou chamadas, o que representa 78,4% do total. Reportagens de jornalismo disseminador foram a minoria (21,6%). Também foram identificadas 19 manchetes e chamadas com falas de Jair Bolsonaro e 11 com fotos do presidente, com um destaque maior para a notícia.

Chama a atenção que, das 21 manchetes principais, o papel de *watchdog* apareceu em 19 delas (90,5%) e em apenas duas foi identificado o papel de disseminador (9,5%). Ou seja, no principal destaque do jornal, o papel de *watchdog* é exercido nove vezes mais que o de disseminador em reportagens que tratavam do presidente Jair Bolsonaro e da pandemia de Covid-19. Já nas chamadas, houve um aumento da frequência do papel de disseminador (21,6%), mas ainda muito abaixo do papel de *watchdog*, que representou 71,8% do total de chamadas sobre a pandemia e o Presidente da República, conforme a tabela a seguir.

Tabela 1 Bolsonaro x pandemia na capa da Folha de S. Paulo

	Disseminador	%	Watchdog	%	Total	%
<b>Manchete principal</b>	2	9,5	19	90,5	21	100
<b>Chamadas</b>	11	28,2	28	71,8	39	100
<b>Total</b>	13	21,6	47	78,4	60	100

Fonte: autora

É possível afirmar que a Folha de S. Paulo exerceu uma postura de *watchdog* ou vigilante de maneira crítica ao noticiar atos do Presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia. O jornal buscou mostrar as contradições entre o discurso do presidente e o

que diziam cientistas e autoridades internacionais de saúde em temas como o uso do medicamento cloroquina para tratar da doença. A Folha ouviu por diversas vezes médicos e pesquisadores que não recomendavam o remédio ou viam a necessidade de cautela na prescrição. O jornal também chegou a dizer que a cloroquina era uma “obsessão do presidente seguidamente desqualificada pela medicina”<sup>12</sup>. No dia 8 de julho, a Folha publicou trechos de falas do presidente negando ou minimizando a pandemia e o crescimento da curva de mortes por coronavírus no Brasil (Figura 1). O jornal também divulgou na capa reiteradas vezes em que Bolsonaro desrespeitou regras de distanciamento em passeios, reuniões e manifestações.

Além disso, o jornal procurou informações para além das oficiais divulgadas pelo governo federal, solicitou a divulgação de exames feitos pelo presidente que teriam tido resultado negativo e cobrou a publicação de dados completos sobre a situação da pandemia no país. No dia 07 de junho, a Folha publicou a seguinte manchete de capa: “Governo Bolsonaro passa a sonegar dados sobre Covid-19”; dois dias depois, passou a integrar um consórcio de veículos de imprensa criado em conjunto com UOL, O Estado de S. Paulo, Extra, O Globo e G1. Com essa parceria inédita, os órgãos de imprensa passaram a reunir e informar dados sobre a Covid-19 no país, em resposta à decisão do governo federal de alterar o horário de publicação e o modelo do boletim diário sobre a pandemia.

Nas chamadas e manchetes classificadas com o papel de disseminador, em que o jornalista se mostra mais descolado e neutro em relação à notícia, há reportagens que trataram de atos administrativos e políticos do presidente, como a decisão de manter um ministro da Saúde no cargo e a decisão de redes sociais de excluir postagens do presidente dessas redes porque estariam violando regras e gerando desinformação. Essas reportagens, que aparecem com menos frequência na cobertura, não apresentaram questionamentos, críticas ou contradições.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49160>. Acesso em: 20 set. 2020

Figura 1 Capa da Folha de S. Paulo do dia 8 de julho de 2020



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49160>. Acesso em: 20 de set. 2020

## Considerações finais

Entre os principais papéis considerados importantes ou muito importantes pelos jornalistas brasileiros segundo o Worlds Of Journalism Study está o de reportar os fatos como são e ser um observador descolado, práticas que podem ser associadas ao papel jornalístico de disseminador. É a postura do jornalista como um observador que procura noticiar fatos com distanciamento, baseado nos princípios da neutralidade e objetividade. O papel de disseminador aparece nas reportagens sobre o presidente Bolsonaro e pandemia na capa da *Folha de S. Paulo* nos primeiros cinco meses da circulação da Covid-19 no país, mas com uma frequência baixa.

Os dados levantados neste trabalho mostram uma preponderância do papel de *watchdog* nas reportagens de capa do jornal Folha de S. Paulo sobre o presidente Jair Bolsonaro e a pandemia de coronavírus. Esse papel se torna ainda mais preponderante quando são analisadas as manchetes do jornal nos cinco primeiros meses da pandemia no Brasil, em comparação com as chamadas do jornal. Das manchetes da Folha de S. Paulo que trataram desse tema, 90,5% foram classificadas como *watchdog* e apenas 9,5% como disseminador. Isso demonstra que a atitude de vigilância, cobrança e questionamento ganhou destaque na capa do jornal. O resultado vai ao encontro do estudo de Mellado et al. (2017), que apontam que o jornalismo brasileiro é menos leal-facilitador (porta-voz de autoridades) e mais *watchdog*, vigilante e fiscalizador dos poderes.

Essa preponderância do papel de *watchdog* aqui analisada também está de acordo com o levantamento do Worlds Of Journalism Study. Segundo a pesquisa, 52% dos jornalistas brasileiros consideram que é importante ou muito importante monitorar e investigar líderes políticos. A cobertura da Folha de S. Paulo sobre a atuação do presidente da República foi não só de acompanhamento, mas de monitoramento e fiscalização dos atos do presidente. O jornal mostrou reiteradas vezes em que Bolsonaro entrou em conflito com o que preconizavam médicos e cientistas. Por exemplo, ao expor falhas de conduta do presidente no que diz respeito ao isolamento social e ao uso de máscara de proteção, a Folha de S. Paulo procurou apontar os erros e as consequências que esses atos tinham na população, como a redução no isolamento social e o crescimento no número de mortes, assumindo um papel de guardião da sociedade e contrapeso do poder Executivo (NORRIS, 2014). A busca por mais informações de interesse público sobre a situação da pandemia no país e as mudanças impostas pelo Ministério da Saúde na divulgação de dados culminaram na criação de um consórcio de imprensa, uma situação inédita no país. Juntos, os veículos divulgaram diariamente a evolução dos casos e mortes por coronavírus no Brasil, exercendo o que Norris (2014) chama de um papel de *watchdog* secundário, com a publicação de informações que, de outra forma, a população não teria acesso.

Portanto, embora o papel de disseminador tenha sido exercido pelo jornal *Folha de S. Paulo* em reportagens sobre o presidente Jair Bolsonaro e o novo coronavírus no Brasil, o papel de *watchdog*, como vigilante e crítico, foi mais preponderante nas manchetes e chamadas de capa do jornal nos cinco primeiros meses da pandemia no país. Futuros trabalhos podem analisar se essa postura se mantém em relação a outros tipos de cobertura. Além disso, análises mais amplas também podem investigar se o papel de *watchdog* da Folha de S. Paulo é mais intervencionista, com a participação ativa dos jornalistas em denúncias e investigações, ou mais “descolado”, quando o jornalista se utiliza de levantamentos, críticas e informações de outras fontes (MÁRQUEZ-RAMÍREZ et al., 2019).

## Referências

ALBUQUERQUE, A. de. **O papel da imprensa no debate público**: impasses contemporâneos. Cadernos Adenauer XX, Rio de Janeiro, n. 4, p.11-25, 2019.

ALBUQUERQUE, A. de. **Protecting democracy or conspiring against it?** Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. *Journalism*. v. 20, n. 7, p. 906-923, 2017.

ALMEIDA, R. **Bolsonaro presidente:** conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.

ANTONELLI, D. **A presença e a relevância do noticiário de corrupção – 30 anos de cobertura dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo (1985-2014)**. IV Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, 2017. p. 1-21.

BALTHAZAR, R. **Ataques de Bolsonaro à imprensa chegaram a dez por semana no fim da campanha.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/ataques-de-bolsonaro-a-imprensa-chegaram-a-dez-por-semana-no-fim-da-campanha.shtml>. Acesso em: 17 out 2020.

BASTOS, P. **Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016:** poder estrutural, contradição e ideologia. *Revista Economia Contemporânea*. v.21, n.2, p.1-63, 2017.

BEATRIZ, R. **Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida:** 'Não é digno'. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manauas-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>. Acesso em: 17 out 2020.

BRASIL passa de 92 mil mortes por Covid-19; média de óbitos na última semana é de 1.026. G1, Rio de Janeiro, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 13 ago 2020.

CAPONI, S. **Covid-19 no Brasil:** entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*. São Paulo: v. 34, n. 99, p. 209-223, 2020.

CORONEL, S. **Corruption and the Watchdog Role of the News Media**. In: NORRIS, P. (Ed.). *Public Sentinel: News Media & Governance Reform*. World Bank ed. Washington, DC, p. 111-136, 2010.

CLAYMAN, S.; REISNER, A. **Gatekeeping in action:** editorial conferences and assessments of newsworthiness. *American Sociological Review*, v. 63, n. 2, 1998, p. 178-199

FOLHA suspende temporariamente cobertura no Alvorada por falta de segurança. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/folha-suspende-temporariamente-cobertura-no-alvorada-por-falta-de-seguranca.shtml?origin=folha>. Acesso em: 09 ago. 2020.

'GRIPEZINHA': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. Uol, São Paulo, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GUAZINA, L; SANTOS, E. **O impeachment de Dilma Roussef nas capas da Folha de S. Paulo**. Trabalho apresentado no Grupo Mídia, Política e Eleições, do 41º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2017, p. 1-20.

HANITZSCH, T.; VOS, T. P. **Journalism beyond democracy: a new look into journalistic roles in political and everyday life**. Journalism, v. 19, n. 2, p. 146-164, 2016.

HENRIQUE, G. **Como a frente de prefeitos entra em choque com Bolsonaro**. Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/04/09/Como-a-frente-de-prefeitos-entra-em-choque-com-Bolsonaro>. Acesso em: 17 out. 2020.

MARIZ, R. **Seis estados têm colapso na rede privada, diz Confederação Nacional de Saúde**. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/seis-estados-ja-tem-colapso-na-rede-privada-de-utis-dizconfederacao-nacional-de-saude-1-24414954>. Acesso em: 17 out. 2020.

MARQUES, J. **Folha é a maior fake news do Brasil, diz Bolsonaro a manifestantes**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/folha-e-a-maior-fake-news-do-brasil-diz-bolsonaro-a-manifestantes.shtml>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

MÁRQUEZ-RAMÍREZ, M. et al. **Detached or Interventionist?** Comparing the Performance of Watchdog Journalism in Transitional, Advanced and Non-democratic Countries. The International Journal of Press/Politics. v. 25, n. 1, p. 53-75, 2019.

MELLADO, C. et al. **The hybridization of journalistic cultures: a comparative study of journalistic role performance**. Journal of Communication, v. 67, n. 6, p. 944-967, 2017. MOREIRA, S. **Journalists in Brazil**. Country Report: Brazil. Worlds of Journalism Study, 2017. Disponível em: <[https://epub.ub.uni-muenchen.de/32084/1/Country\\_report\\_Brazil.pdf](https://epub.ub.uni-muenchen.de/32084/1/Country_report_Brazil.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2020

NORRIS, P. **Watchdog Journalism**. In: BOVENS, M.; GOODIN, R.; SCHILLEMANS, T. (Eds). Oxford Handbook of Public Accountability. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, p. 1-21, 2014.

PINHEIRO, L. Brasil termina agosto com 28.947 mortes pela Covid-19, apontam secretarias de Saúde; especialistas alertam que pandemia não acabou. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/03/brasil-termina-agosto-com-28947-mortes-pela-covid-19-apontam-secretarias-de-saude-especialistas-alertam-que-pandemia-nao-acabou.ghtml>. Acesso em: 17 out 2020

PRESIDENTE Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre. FENAJ, Brasília, 2 jul. 2020. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/presidente->

[bolsonaro-promove-245-ataques-contra-o-jornalismo-no-primeiro-semester/>](#). Acesso em: 09 de ago. de 2020.

PRUDENCIO, K; RIZZOTTO, C.; SAMPAIO, R. **A normalização do golpe: o esvaziamento da política na cobertura jornalística do “impeachment” de Dilma Rousseff**. Revista Contracampo, v. 37, n.2, p.9-36, 2018.

RECUERO, R.; SOARES, F. **O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter**. E-COMPÓS (BRASÍLIA), v. 1, p. 1, 2020.

SALLES, M.; DALL’ORTO, F. **O impacto da Covid-19 na narrativa jornalística: a produção de conteúdo da Folha de S. Paulo**. Revista Observatório. v. 6, n. 3, maio 2020, p. 1-20

SCHRAMM, F.; et. al. **O aparente dilema implicado pela pandemia da COVID-19: salvar vidas ou a economia?**. Observatório Covid-19. Fiocruz, 2020. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/o\\_aparente\\_dilema\\_implicado\\_pela\\_pandemia\\_do\\_coronavirus.docx\\_def\\_18042020\\_.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/o_aparente_dilema_implicado_pela_pandemia_do_coronavirus.docx_def_18042020_.pdf). Acesso em: 20 set 2020

SCHREIBER, M. **Três temas que expuseram racha entre Nelson Teich e Jair Bolsonaro**. BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52684841>. Acesso em: 17 out. 2020.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Volume II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

URIBE, G. **Em reunião, Bolsonaro chama Folha de ‘bosta’ e diz que demitirá quem foi elogiado pelo jornal**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/em-reuniao-bolsonaro-chama-folha-de-bosta-e-diz-que-demitira-quem-for-elogiado-pelo-jornal.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2020.

WHITTEN-WOODRING, J.; JAMES, P. **Fourth Estate or Mouthpiece? A Formal Model of Media, Protest, and Government Repression**. Political Communication, v. 29, n. 2, p. 113–136, 2012.